

**OS DEZ MANDAMENTOS SAGRADOS
E O “ANIMALISMO” DE A REVOLUÇÃO DOS BICHOS
DE GEORGE ORWELL**

Wagner Pavarine Assen (UEMS)

wagner.assen@gmail.com

Nataniel dos Santos Gomes (UEMS)

natanielgomes@uol.com

RESUMO

Numa breve crítica comparativa o presente artigo intenta analisar em comparações pertinentes Os dez mandamentos da bíblia judaico-cristã e o "animalismo" da alegoria literária de George Orwell. O seguinte trabalho toma por base teórica os pressupostos históricos inerentes ao período de publicação da obra, os preceitos da Revolução Russa em análise, inicial, com os “produtos” sociais, suas influências e os possíveis aspectos comparativos entre os Dez Mandamentos Sagrados e o “animalismo”. Julgando, *a priori*, que ambos manifestos – o “animalismo”, citado no livro, e os dez mandamentos sacros – são bases constituintes do pensar e divisor ideológico predominante universalmente.

Palavras-chave: Os dez mandamentos. Animalismo. Revolução dos bichos. Orwell.

1. Introdução

Apesar do muito já abordado em relação à obra em questão, é sempre de considerável valia rever o texto de George Orwell haja vista sua contemporaneidade e à proporção que seu livro atingiu, não somente em termos de crítica literária, mas como em âmbitos históricos gerais.

George Orwell é pseudônimo de Eric Arthur Blair, nascido em 1903 na Índia e criado na Inglaterra foi crítico e romancista e um dos nomes de maior alarido do século XX.

O livro aclamado por muitos é tido como base de conhecimento histórico e literário, mesclando a história com alegoria literária (pressuposto que abordaremos adiante) obtendo como produto uma obra ora considerada crítica ora apoiadora dos movimentos políticos em questão.

A história tem como espaço uma fazenda na Inglaterra, de nome Granja do Solar cujo proprietário é sir. Jones. Temos então o primeiro de muitos dos aspectos alegóricos do texto, visto que o este espaço não é necessariamente a Inglaterra e sim a Rússia.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOGIA

Para que haja melhor compreensão da obra é necessário se fazer um apontamento teórico contextualizando-a em seu tempo – Revolução Russa – e esclarecendo o conceito de alegoria literária.

Alegoria literária segundo Flávio Kothe é o uso das propriedades linguísticas (semióticas) e suas inúmeras facetas para descrever ou demonstrar algo de formas diferentes sem que se perca o sentido único.

A alegoria é geralmente vista como figura de linguagem, portanto como parte da retórica. Mas seu meio de representação não precisa ser necessariamente, a linguagem verbal. Pode ser também, por exemplo, a pintura ou a escultura. A alegoria costuma ser entendida como uma representação concreta de uma ideia abstrata. Assim a Justiça belíssima ideia abstrata (mas será que as “ideias” são ou devem ser efetivamente “abstratas?”), aparece figurada por uma mulher de olhos vendados, com uma espada na mão, a sustentar uma balança. Cada um desses elementos tem determinado significado: os olhos vendados, a igualdade de todos perante a lei; a espada, a força de poder impor as decisões; a balança, o sopesar dos atos postos em julgamento. E que essa figura seja uma mulher não se deve apenas ao fato de *Justiça* ser uma palavra feminina.

De qualquer modo, o que nessa figura se mostra é que cada um dos elementos alegóricos quer dizer alguma coisa além dele próprio e não aquilo que à primeira vista parece. Mas, ao mesmo tempo, há uma relação entre o que aí aparece e o seu significado subjacente. Alegoria significa, literalmente, “dizer o outro. (KOTHE. 1986, p. 6-7).

Classifica-se então a obra em questão como alegórica literária haja vista as diversas relações representativas de um todo histórico.

Por detrás de “bichinhos” que, a princípio, são maltratados e se revoltam há uma manifestação ideológica histórica a ser analisada para o entendimento desejado (assertivo) do enredo. Assim como metáfora e outras figuras de linguagens que podemos comparar, a alegoria reverbera no campo das diversas interpretações, das dicotomias favoráveis ou não produzindo um campo vastíssimo para análise.

A começar pelo local onde se passa a trama, temos a primeira alegoria que grita como crítica, a meu ver, uma fazenda. Representação alegórica de uma Rússia ainda “feudal”, em pleno final do século XIX, de produções comerciais quase que exclusivamente agrárias, onde 80% da população ainda viviam miséria nos campos em regime de servidão (espécie de “camuflagem” da escravidão) enquanto os outros 20% se dividiam em donos das terras que também faziam a política – lembrando que se vivia em regime de monarquia; império Czar – e soldados.

Somado a multiplicidade interpretativa pode-se considerar a alegoria da fazenda como representação de qualquer sociedade onde haja divisão social, entre classes dominantes e dominadas, neste caso, camponeses e operários e donos de terras. George Orwell é inglês e escreve uma história não objetiva sobre a união soviética, Rússia, sua revolução

socialista, seus líderes e os pensamentos que culminaram em todo movimento divisor dos poderes, com reflexos mundiais, do século passado.

Cita-se o surgimento de um pensamento com bases na ideologia marxista representado alegoricamente pelo porco de no “Major”, que com discursos inflamados e extremamente persuasivos “injeta” o sonho de libertação das mãos opressoras, os humanos, e melhores condições de vida a todos os animais da fazenda.

O autor se muniu deste recurso literário de modo a arquitetar os entremeios de uma fazenda cujos animais se revoltam contra o regime em que viviam e partem, após se organizarem, para uma revolução “armada” que os libertaria levando-os a uma vida melhor e busca da igualdade.

A história de Orwell leva o leitor a uma reflexão ampla de uma relação e ao pensamento altamente crítico, em linha tênue e dicotômica, de animais representando humanos, comunismo, revolução russa, a saída de um século XIX de atraso para um século XX conturbadíssimo, duas guerras mundiais. A publicação de *A Revolução dos Bichos* se deu em 1945.

Sendo a alegoria “uma representação concreta de uma ideia abstrata” Orwell apropriando-se disso pauta integralmente sua retórica para escrever sua ficção. Representando espaço, personagens e suas relações – também como ideologias, visto que cada animal representa uma determinada pessoa ou classe da comunidade russa da época – deve-se analisar a obra relacionando e comparando-a ao universo da revolução russa e suas influências futuras.

Ainda com base nos pressupostos de Kothe sobre alegoria temos o apontamento que sustenta sinteticamente o estudo:

A questão do que é alegoria se revela, entretanto, bastante mais complicada. É preciso avançar cautelosamente, partindo, porém, da certeza de que nesse terreno não há tanta certeza quanto se pretende. Quando examinada atentamente, a figura da alegoria vai-se tornando cada vez mais estranha e enigmática, a ponto de não só ser preciso repensar a questão da retórica como também a dos estudos literários estéticos. Nessa medida, talvez se possa dizer que a alegoria aponta o próprio cerne da obra de arte e de sua interpretação. (KOTHE, 1986, p. 7)

2. A história e suas caracterizações na obra

A versão nada sutil, extremamente crítica e tida como literatura histórica na maior parte dos estudos abarca a memória reflexiva de uma

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

época de intensas revoluções dos mais diversos âmbitos possíveis, suas respectivas guerras são tratadas por George Orwell com maestria.

A alegoria de Orwell se materializa em parâmetros considerados anticomunistas pelo viés do pensamento – histórico – “trotskistas”. Em contrapartida o texto também é considerado propulsor das vertentes marxistas que culminariam na revolução. Tomando por base a “tomada” da fazenda.

O livro em si retrata a passagem, alegórica, do tempo de 1917 até 1943, ressaltando que a data de publicação em 1945. Era das ideias de revolução, o pensamento marxista, época de governo de Stalin e a revolução propriamente dita.

A apresentação antissoviética na trama se da na divergência, mostrada na relação dos porcos: *Napoleão e Bola de Neve*, respetivamente Stalin e Trotsky. Orwell traça paralelos claros de comparativos, ao se visitar a historia, de ambos, principalmente mostrar *Napoleão* como Stalin e suas “discussões” ideológicas com Trotsky representado por *Bola de Neve*.

Em mais uma clara alegoria, ou representação como “fabula”, temos a imagem de Carl Marx representado no velho porco de nome “Major”, que em uma bela noite, reúne os animais no celeiro com o intuito de contar-lhes seu “sonho”, conceituado e respeitado por todos “animais” da fazenda.

Pode-se considerar que se aprofundando um pouco mais nas questões políticas inerentes ao período, o autor tentar elaborar em sua escrita um paralelo das ideias políticas e governamentais de Stalin e Trotsky, ressaltando mais uma vez que a “literatura conta o que a história não conta” e George O. da a sua versão particular e partidária sobre os fatos.

De antemão o leitor é levado à reflexão sobre o autoritarismo em geral, considerando a representação alegórica da figura do Czar Nicolau II em Sr. Jones proprietário da fazenda. Temos como ponto de partida os pensamentos revolucionários de um povo oprimido, pressuposto base que justifica a intenção de comparação com as ideias do Êxodo bíblico. O espírito “revolucionário” pode ter crescido junto ao autor, quando trabalhava para a Polícia Imperial Indiana e pede demissão por se dar conta de que “odeia” o imperialismo ao qual estava servindo. (VOGT. p. 5)

O autor, até 1936, se declarava pró-socialista não por causa da admiração às ideias do movimento vermelho, e sim pelo repúdio a re-

pressão, repudio esse que o fez tender e considerar a maneira com que as classes oprimidas eram tratadas.

A sátira, que chamamos alegórica, critica exatamente o regime implantado por Josef Stalin, que culminaria na revolução de 1917. Os porcos representariam, não fugindo, da crítica ideológica, os russos em geral ou a burocracia soviética.

A trama toda se dá na Granja do Solar, que se chamaria Granja dos Bichos após a Revolução e a implantação do “animalismo”. Após o discurso e morte de Major – o velho porco respeitado e com ideias de rebelião e revolução – três outros porcos assumem o controle da Granja e implantam as ideias do velho Major, ou de Marx como alegoricamente chamamos anteriormente. Esses três porcos são alegorias de Stalin, Trotsky e da propaganda, o porco Garganta. Os três se encarregam de organizar os pensamentos do velho Major, adaptando as suas condições, adequando aos animais da Granja dando o nome de “animalismo”. O enredo segue com as particularidades ideológicas da visão histórica de Orwell sobre: desigualdade, política, dominação e opressão e revolução; sobrea Rebelião dos animais “soviéticos” e seus regimes implantados.

Atentaremos a priori apenas ao recorte das ideias e suas formatações e as possíveis comparações – frisando ser o início de uma pesquisa que se mostra ainda de base e sintética, na tentativa ousada de se chegar a um denominador comum, entre o *animalismo* e os *Dez mandamentos* – abordando a seguir ao concluírem-se as considerações até então citadas.

3. O animalismo e as tábuas do Sinai

Esclarecendo de antemão que a premissa comparativa do porco Major cabe a Marx, mas, no entanto, não é de interesse que se compare aqui Marx ao líder da nação judaica e libertador do opressor Egito, Moisés, sendo assim a primeira comparação que julgo cabível é do porco Major com o Moisés da Torá.

Guardada as proporções históricas inerentes a cada contexto, nos atendo apenas a literalidade dos escritos, se possível, o porco Major diz ter sonhado algo que gostaria de compartilhar com os demais animais no intuito de filosofar sobre a vida e culminar o discurso nas questões precárias em que viviam os animais dali, a opressão por parte dos humanos e o que poderiam fazer para se rebelar contra tal regime.

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOGIA

A velhice caracterizada no porco remete a experiência, alusão a astúcia de alguém com prestígio pelos anos de vida e sabedoria, mesmo fator atribuído a Moisés para comandar o povo que entraria na “terra prometida”.

Moisés no Êxodo já se constituía libertador, pois o povo já havia saído do Egito, onde era feito cativo pelo faraó da época. O tempo de “escravidão” era o mesmo que viviam os animais da granja, mas ao contrário do texto bíblico os animais precisavam se organizar como povo para se revolucionarem e não de uma lei que os organizassem como nação após libertação do cativo. Ponto divergente que caracterizava um impasse nas ideias dos “povos”.

Sobre a aceitação das “leis” e das ideias do animalismo, ambos os líderes funcionavam como vozes a seguir desde então. Moisés pelo fato de ser escolhido por D’us (Deus) e ter libertado o povo do Egito e deter relacionamento com o esse Deus da nação, e Major por ser uma espécie de “ancião” de renome somado ao fator que todos da granja esperavam ser libertos.

A “divindade” atribuída aqui ao velho porco pode ser vista, particularmente, no aspecto do sonho. Peculiaridade de caráter universal, “compartilhada” e aceita culturalmente por diversas etnias como algo transcendental, superior às mentes humanas, ou no caso – racionais – animais.

A subida de Moisés ao monte Sinai Êxodo capítulo dezenove (*Bíblia Judaica Completa*, 2010, p. 154.), faz figuração alusiva ao sonho de Major, repassado aos animais, assim como para a nação dos hebreus (ORWELL, 2007, p. 11). Esta manifestação figura como fator de divindade que da credibilidade ao discurso.

Em uma mescla de sentimentos entre esperança para uns e organização de um povo ainda sem pátria, para outros, ambas as sociedades abordadas elaboram seu nascimento, ou o mito da origem de uma nação. Seja ela baseada na revolução e rebelião ou não.

Os hebreus precisavam de uma organização sobre parâmetros de uma Lei que organizasse o povo em todos os aspectos sociais e da mesma forma não se divergisse do que Moisés trazia com regras para culto e adoração a Deus. Surgem então as tábuas com os Dez Mandamentos.

Na manhã do terceiro dia, houve trovões, relâmpagos e uma nuvem espessa sobre a montanha. Ouviu-se um som tão alto do toque do *shofar* que as pessoas que estavam no acampamento tremeram. Mosheh (Moisés) levou o povo para fora do acampamento ao

encontro de Deus; as pessoas pararam perto da base da montanha. O monte Sinai foi envolto pela fumaça, pois Adonai desceu sobre ele com fogo – a fumaça subia como a fumaça de uma fornalha, e toda a montanha tremia com violência. A media que o som do shofar ficava mais alto, Moshe falava, e Deus lhe respondia por uma voz. (*Bíblia Judaica*, p. 153)

Então, segundo a Bíblia, Deus desceu no monte e deu as ordens a Moisés, para que este por sua vez delegasse ao povo hebreu todas as leis. Sendo elas conforme o livro Êxodo:

- 2 Eu sou o Senhor, teu Deus, que te fiz sair da terra do Egito, da casa da escravidão.
- 3 Não terás outros deuses diante de mim.
- 4 Não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima no céu, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra.
- 5 Não te prostrarás diante desses deuses e não os servirás, porque eu sou o Senhor, teu Deus, um Deus ciumento, que puno a iniquidade dos pais sobre os filhos até a terceira e a quarta geração dos que me odeiam, 6 mas que também ajo com amor até a milésima geração para com aqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.
- 7 Não pronunciarás em vão o nome do Senhor, teu Deus, pois o Senhor não deixará impune aquele que pronunciar em vão o seu nome.
- 8 Lembra-te do dia do sábado para santificá-lo.
- 9 Trabalharás durante seis dias e farás toda a tua obra.
- 10 O sétimo dia, porém, é o sábado do Senhor, teu Deus. Não farás nenhum trabalho, nem tu, nem teu filho, nem tua filha, nem teu escravo, nem tua escrava, nem teu animal, nem o estrangeiro que está em tuas portas.
- 11 Porque em seis dias o Senhor fez o céu, a terra, o mar e tudo o que eles contêm; e repousou no sétimo dia; por isso o Senhor abençoou o dia do sábado e o consagrou.
- 12 Honra teu pai e tua mãe, para que os teus dias se prolonguem na terra que o Senhor, teu Deus, te dá.
- 13 Não matarás.
- 14 Não cometerás adultério.
- 15 Não roubarás.
- 16 Não apresentarás um testemunho mentiroso contra o teu próximo.
- 17 Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher de teu próximo, nem o seu escravo, nem a sua escrava, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença a teu próximo. (ALMEIDA, 1993)

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

A justificativa para escolha do livro de Êxodo e não do livro de Deuteronômio, por ser a primeira vez que a Lei da Torá, do Deus dos hebreus aparece, pois em Deuteronômio – como o próprio nome em grego significa – é a segunda “proclamação” da Lei, mantida a mesma sem alteração alguma. Em resumo para facilitar comparação temos de um lado as leis sagradas e de outro as leis do animalismo (que são sete) respectivamente:

- 1) proibição de deuses falsos ou estrangeiros;
- 2) proibição de imagens;
- 3) uso do nome divino em vão;
- 4) sábado;
- 5) genitores;
- 6) homicídio;
- 7) adultério;
- 8) furto;
- 9) falso testemunho;
- 10) cobiça.

1. Qualquer coisa que ande sobre duas pernas é inimigo.
2. O que andar sobre quatro pernas, ou tiver asas, é amigo.
3. Nenhum animal usará roupa.
4. Nenhum animal dormirá em cama.
5. Nenhum animal beberá álcool.
6. Nenhum animal matará outro animal.
7. Todos os animais são iguais. (ORWELL, 2007, p. 25)

Primeiro ponto convergente é que ambos foram chamados de “Mandamentos”. Algo que deveria ser seguido à risca, sem defraude alguma, nem desvio ou confrontos de pensamento. Julga-se em ambos que aquelas Leis seriam as melhores para sua sociedade e para o desenvolvimento organizado de uma nação, e com certeza ponto cerne para compa-

ração. São escritos em tabuas, um na parede do celeiro e os outros divididos em duas tabuas ou pedras.

Para os hebreus mais valia a ordem social, a meu ver, e para os animais a ordem do discurso incisivo “propulsor” do inflamar da revolução esperada.

Para garantir a unidade do povo e que ninguém se desviasse da linha de pensamento se obriga a não adoração de outros deuses de um lado, de outro, pressupõe-se o fato de que ninguém é confiável a não ser quadrúpedes e outros animais o que limita as relações mesmo que “políticas” com outros “povos”.

A adoração a outros deuses também alude ao não dormir em camas do animalismo, reverberando alegoricamente o fato de não se “prostituir” sendo o “prostrar-se” diante de outra imagem ou deus, não vender sua fidelidade, não praticar aquilo que o inimigo tem como costume. Somado ao uso das roupas e o desfrute do álcool.

Vemos ao longo das duas narrativas que isso se deturpa e tanto o povo hebreu quanto os líderes e alguns animais não cumprem com suas respectivas Leis.

Representando uma “aliança” de fidelidade entre o líder (ou Deus) e seu povo, assegurando a plena ordem de convivência ao se seguir o que se tornaria Lei nos dois textos.

E por fim, o “não mataras” é o mais cabível entre os comparativos, com obviedade de princípio. Que por sinal perpetua na universalmente na maioria das sociedades, ressaltando a influência dos mandamentos sagrados sobre o animalismo. Também um dos manifestos de defesa teológica, quanto à existência de Deus, a noção ou consciência natural (biológica) de justiça.

Semelhante na ideia de que não se pode matar ao próximo é o fato de considerar que todos são iguais, mandamento sétimo do animalismo. O não mataras serve de entendimento sobre a semelhança e igualdade que há perante homens e animais.

4. Conclusão

Reconhecendo o caráter introdutório da pesquisa mostrada e sua inesgotável fonte de pesquisa, conclui-se com o direcionamento do estu-

XIX CONGRESSO NACIONAL DE LINGÜÍSTICA E FILOLOGIA

do para as questões sociais mais aprofundadas, somado a historiografia literária no intuito de defender os aspectos de igualdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

KOTHE, Flávio R. *A alegoria*. São Paulo: Ática, 1986.

ORWELL, G. *A revolução dos bichos*. Trad.: Heitor Aquino Ferreira. 25. ed. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

STERN, David. *Bíblia judaica completa*. Trad.: Rogério Portella e Celso Fernandes. 1. ed. São Paulo, 2010.

VOGT, Olgário. A Revolução Russa através da Revolução dos Bichos. *Revista Ágora*, vol. 13, n. 1, 2007.